ISSN: 2358-8829

O CORPO COMO MEDIADOR DO CONHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO

Evellin dos Santos Silva [1]

RESUMO

O presente artigo busca tratar o corpo como algo que ajuda a construir conhecimento e analisar como a psicomotricidade pode ajudar no ensino e na aprendizagem dentro da educação. A ideia é mostrar que o corpo não é apenas uma parte física ou algo que apenas se move, mas também serve como forma de expressão, comunicação, interação e construção de conhecimento. Nesse contexto, a psicomotricidade ajuda a entender como o movimento, a cognição, a emoção e o desenvolvimento estão conectados, considerando a criança como um todo. O estudo é baseado em pesquisas bibliográficas, com uma abordagem qualitativa e reflexiva, usando teorias sobre psicomotricidade, desenvolvimento humano, aprendizagem e educação, além de documentos educacionais brasileiros. O artigo aborda a importância do esquema corporal, da lateralidade, do equilíbrio, da coordenação motora e da organização espacial e temporal para as experiências escolares. Também discute como o corpo, a emoção, a interação social, a inclusão e as práticas pedagógicas estão ligadas. É possível perceber que experiências corporais importantes podem ajudar os estudantes a participarem mais, explorar o ambiente, construir conceitos e desenvolver habilidades. A conclusão é que a psicomotricidade pode ajudar a criar práticas educativas mais conectadas, divertidas e inclusivas, desde que o movimento seja entendido como parte do processo de aprendizagem e não apenas como brincadeira ou treino de habilidades motoras.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Corpo. Aprendizagem. Educação. Desenvolvimento infantil.

[1] Graduando do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, evellindossantos72231@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A educação é um processo complexo que envolve várias áreas do desenvolvimento humano e não se limita apenas a transmitir conteúdo ou a adquirir conhecimento escolar. Aprender significa estabelecer relações, experimentar situações, formular hipóteses, compartilhar ideias, expressar sentimentos e dar significado às experiências vividas. Nesse processo, o corpo ocupa um papel fundamental, pois é por meio dele que o indivíduo se movimenta, explora o ambiente, interage com outras pessoas e participa das situações de aprendizagem.

Na infância, a relação entre o corpo e o conhecimento é muito clara. Antes de dominar a linguagem verbal ou compreender conceitos de maneira organizada, a criança explora o mundo por meio dos sentidos, dos gestos, das brincadeiras e dos movimentos. Ao manipular objetos, caminhar, correr, pular, desenhar, encaixar peças e participar de jogos, ela amplia suas possibilidades de ação e constrói experiências que ajudam no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais.

Apesar disso, ainda há práticas educativas que valorizam muitas vezes atividades feitas sentadas, a repetição de informações e a execução de tarefas escritas. Em alguns contextos, o movimento é visto como algo que precisa ser controlado para manter a disciplina, e o corpo fica em segundo plano nas atividades que são consideradas verdadeiramente educativas. Essa visão pode limitar a participação dos alunos e ignorar outras formas de experimentar e construir conhecimento.

É nesse cenário que a psicomotricidade se torna relevante para a educação. Ao considerar como o movimento, o pensamento, a emoção e a interação com o ambiente se relacionam, essa área ajuda a entender o desenvolvimento humano de forma integrada. O movimento não é apenas uma ação mecânica, mas uma experiência que contribui para a formação da identidade corporal, para a organização das ações e para as relações que o indivíduo estabelece com o mundo.

(Le Boulch, 1987) fala sobre a educação psicomotora e destaca a importância do movimento no desenvolvimento da criança e em suas experiências educativas. Essa perspectiva permite compreender que as vivências corporais podem contribuir para a formação de capacidades necessárias para explorar o ambiente, organizar as ações e participar das situações escolares. A psicomotricidade, portanto, não deve ser reduzida a exercícios motores isolados, mas compreendida em sua relação com o desenvolvimento geral.

As ideias de (Wallon, 2007) também são importantes para essa discussão, pois sua visão sobre o desenvolvimento infantil destaca como o movimento, a emoção e a inteligência se relacionam. O desenvolvimento da criança acontece nas relações que ela estabelece com o meio e com as pessoas, e as expressões corporais e emocionais fazem parte da construção do sujeito. Nesse sentido, o corpo não pode ser separado dos processos afetivos e cognitivos que ocorrem durante a aprendizagem.

A perspectiva histórico-cultural de (Vygotsky, 2007) ajuda a entender a aprendizagem como algo que é construído socialmente, mediado por relações, linguagem e instrumentos culturais. Embora sua teoria não se limite à dimensão motora, ela permite refletir sobre a importância das experiências compartilhadas, das interações e da mediação pedagógica na construção do conhecimento. Atividades corporais, quando bem-organizadas, podem criar situações de colaboração, comunicação e resolução de problemas.

No contexto educacional brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular reconhece a importância das experiências, das interações e das múltiplas linguagens na formação dos alunos. Na Educação Infantil, o documento organiza o currículo com base em direitos de aprendizagem e campos de experiências, incluindo o campo "Corpo, gestos e movimentos" (Brasil, 2018). Esse reconhecimento reforça a necessidade de considerar o corpo como parte das práticas educativas, e não como algo externo ao processo de aprendizagem.

Diante dessas ideias, este artigo parte da seguinte pergunta: como a psicomotricidade contribui para entender o corpo como mediador do conhecimento e para organizar práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem?

O objetivo geral é discutir o corpo como mediador do conhecimento, analisando as contribuições da psicomotricidade para os processos de ensino e aprendizagem na educação. Como objetivos específicos, busca-se compreender a relação entre movimento e desenvolvimento infantil; discutir a importância dos elementos psicomotores nas experiências escolares; refletir sobre as relações entre corpo, cognição, afetividade e interação social; e identificar possibilidades de utilização da psicomotricidade no planejamento de práticas pedagógicas inclusivas e significativas.

A relevância deste estudo está em ampliar as discussões sobre o lugar do corpo no cotidiano escolar, especialmente diante de concepções pedagógicas que, em certos casos, priorizam o desempenho escrito e a permanência dos alunos em atividades pouco variadas. Considerar o corpo como mediador do conhecimento significa reconhecer que a aprendizagem pode acontecer de diferentes maneiras e que as experiências corporais também podem ajudar na participação, na comunicação e na construção de conceitos.

Além disso, essa discussão traz contribuições para a formação dos professores e para o trabalho dos profissionais da psicopedagogia, pois permite observar o aluno além de suas respostas

acadêmicas. A maneira como uma criança se movimenta, explora materiais, organiza suas ações e participa de brincadeiras oferece elementos importantes para compreender suas experiências e necessidades, sem transformar essas observações, sozinhas, em diagnósticos ou conclusões sobre seu desenvolvimento.

O artigo está dividido em cinco partes. Após esta introdução, é apresentada a metodologia usada no estudo. Em seguida, são discutidas as relações entre corpo, movimento e aprendizagem, os fundamentos da psicomotricidade e suas possibilidades no dia a dia da escola. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter reflexivo, cujo objetivo é discutir as contribuições da psicomotricidade para entender o corpo como mediador do conhecimento na educação. A escolha pela abordagem qualitativa está ligada à natureza do problema, que envolve conceitos, interpretações e relações entre desenvolvimento humano, movimento, afetividade e aprendizagem.

A pesquisa bibliográfica permite estabelecer um diálogo entre teorias que abordam determinado tema, contribuindo para a compreensão de diferentes perspectivas e para a elaboração de reflexões bem fundamentadas. Nesse sentido, o estudo busca unir as contribuições da psicomotricidade com discussões sobre desenvolvimento infantil, aprendizagem e práticas educativas.

A base teórica considera as contribuições de (Le Boulch, 1987), especialmente sobre a educação psicomotora e a importância do movimento para o desenvolvimento da criança; de Wallon, para compreender as relações entre movimento, emoção e inteligência; e de (Vygotsky, 2007), sobre a dimensão social da aprendizagem e a importância das interações e da mediação. Também é levado em conta o documento da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), por sua relevância para organizar as experiências educativas no Brasil.

A discussão foi organizada em temas relacionados ao problema de pesquisa: o corpo como parte essencial da aprendizagem; os fundamentos e os elementos da psicomotricidade; a relação entre movimento, cognição e afetividade; as possibilidades pedagógicas das experiências corporais; e as contribuições da psicomotricidade para a inclusão e para o planejamento educacional.

A análise é interpretativa e reflexiva, buscando unir os conceitos teóricos com situações que podem acontecer no dia a dia da escola. Com base nos temas definidos, são feitas reflexões sobre como jogos, brincadeiras, circuitos motores, atividades rítmicas, experiências de orientação

ISSN: 2358-8829

espacial e propostas que envolvam a manipulação de objetos e a resolução de desafios podem ser usadas.

É importante esclarecer que este trabalho não tem resultados de uma pesquisa de campo, de entrevistas ou de observações feitas especialmente para este estudo. As discussões apresentadas derivam da articulação teórica proposta, e não de dados obtidos com estudantes ou professores. Para uma versão final submetida a um evento científico, os procedimentos de busca e seleção bibliográfica devem seguir as etapas realmente realizadas pela autora, incluindo, se necessário, as bases consultadas, os termos usados e os critérios de inclusão e exclusão das publicações.

Assim, a metodologia busca manter coerência entre o objetivo do artigo, a natureza da investigação e os limites das conclusões apresentadas. O estudo não pretende estabelecer relações causais definitivas entre atividades psicomotoras e desempenho escolar, mas discutir como a literatura e os documentos educacionais podem ajudar a construir práticas que reconheçam a dimensão corporal da aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O corpo como dimensão constitutiva da aprendizagem

Entender o corpo como mediador do conhecimento exige que se deixe de ver o corpo apenas como suporte físico para a atividade intelectual. O aluno aprende por meio de experiências que envolvem percepção, ação, linguagem, emoção e interação com o ambiente. Nesse sentido, o corpo participa da forma como a criança explora o espaço, percebe objetos, estabelece relações e dá significado ao que vivencia.

Na infância, muitas coisas são aprendidas por meio da experimentação. Quando a criança brinca com blocos, por exemplo, ela pode perceber diferenças de tamanho, comparar formas, observar relações de equilíbrio e testar diferentes formas de construir. Ao organizar objetos em ordem, ela desenvolve ideias sobre classificação e sequência. Ao participar de brincadeiras que envolvem movimento, ela precisa observar o espaço, ajustar seus movimentos e levar em conta o que os outros estão fazendo.

Essas situações mostram que o movimento pode unir diferentes tipos de conhecimento. Uma atividade física não se limita apenas à parte física, assim como uma atividade de leitura ou matemática não precisa ficar apenas no papel e no lápis. Dependendo de como são organizadas, as atividades pedagógicas podem unir ação, observação, linguagem, raciocínio e interação.

A mediação corporal não quer dizer que tudo depende do movimento ou que todas as crianças aprendem da mesma forma. Quer dizer que o corpo é uma das formas pelas quais a criança se

relaciona com o mundo e participa das experiências escolares. A aprendizagem também envolve conhecimentos anteriores, condições sociais, relações afetivas, oportunidades de participação e mediações feitas pelos professores.

Essa visão ajuda o professor a ver melhor os processos de aprendizagem. Quando uma criança tem dificuldade em alguma atividade, é importante analisar vários fatores: se as instruções são claras, se ela conhece o conteúdo, se há condições para participar, se há tempo suficiente, se os materiais são adequados e se há formas de envolvimento. A dificuldade não precisa ser vista como um problema individual ou como uma limitação psicomotora.

O corpo também ajuda a expressar necessidades, sentimentos e interesses. Gestos, postura e expressões podem ajudar na comunicação, mas não devem ser interpretados de forma isolada como sinais de emoções. A observação pedagógica precisa considerar o contexto e, quando for necessário, conversar com a criança, sua família e os profissionais envolvidos.

Nesse sentido, considerar o corpo como mediador do conhecimento significa reconhecer a criança como um todo. A escola pode oferecer mais possibilidades educativas quando cria situações em que a criança possa experimentar, investigar, se comunicar e construir conhecimento de diferentes formas, respeitando seus ritmos e seu jeito de participar.

3.2 Psicomotricidade: movimento, desenvolvimento e aprendizagem

A psicomotricidade é um campo de estudo que investiga as relações entre movimento, cognição, afetividade e relações sociais. Sua importância na educação está ligada à compreensão de que o desenvolvimento não acontece por partes separadas, mas envolve processos que se relacionam e mudam conforme as experiências vividas.

(Le Boulch, 1987) fala sobre a importância do movimento para o desenvolvimento da criança. A educação psicomotora ajuda a organizar experiências que favorecem a exploração do corpo e do ambiente, o que amplia as possibilidades de ação da criança. Essa perspectiva ajuda a entender por que atividades que envolvem equilíbrio, coordenação, orientação espacial e organização do tempo podem fazer parte do planejamento escolar.

Mas é importante diferenciar a educação psicomotora de exercícios mecânicos feitos só para treinar movimentos. As experiências corporais são mais importantes quando estão relacionadas às necessidades das crianças, ao contexto em que acontecem e aos objetivos pedagógicos. O objetivo não é que todas as crianças tenham o mesmo desempenho, mas sim oferecer oportunidades de exploração e aprendizagem.

A psicomotricidade também ajuda o professor a ver como a criança organiza suas ações diante de desafios. Durante uma brincadeira de percurso, por exemplo, é possível ver como ela entende

as instruções, antecipa movimentos, ajusta a força, usa referências espaciais e interage com os colegas. Essas observações podem guiar mudanças, mas não devem ser usadas sozinhas para fazer diagnósticos. Wallon pensa sobre a conexão entre movimento, emoção e inteligência. As experiências corporais estão ligadas à forma como a criança se expressa e se relaciona com outras pessoas. Assim, o movimento não é só físico, mas também está ligado às relações sociais e à expressão das emoções.

(Vygotsky, 2007) fala sobre a aprendizagem mediada socialmente. A interação com outras pessoas, o uso da linguagem e a participação em atividades organizadas culturalmente são importantes para o aprendizado. Quando uma atividade psicomotora envolve cooperação, resolução de problemas e troca de estratégias, ela pode ajudar na construção de conhecimento que vai além do movimento individual.

Assim, a psicomotricidade pode contribuir para uma educação que reconheça a complexidade do ser humano. Sua presença no planejamento da escola deve estar ligada à intencionalidade pedagógica, à observação das necessidades dos alunos e à criação de experiências que unam movimento, pensamento, afeto e convivência.

3.3 Elementos psicomotores e suas relações com as experiências escolares

Entre os elementos discutidos na psicomotricidade, estão o esquema corporal, a lateralidade, o equilíbrio, a coordenação motora, a orientação espacial, a organização temporal e o ritmo. Esses elementos estão relacionados às experiências de movimento e à forma como as ações são organizadas. Mas eles não devem ser vistos como habilidades isoladas, cujo desenvolvimento determina automaticamente o sucesso ou o fracasso escolar.

O esquema corporal é a maneira como a criança percebe e organiza seu corpo em suas ações e em suas relações com o ambiente. As experiências corporais podem ajudar a criança a reconhecer suas partes, explorar movimentos e entender posições e relações espaciais. Jogos de imitação, brincadeiras com gestos e atividades de deslocamento podem oferecer oportunidades para isso.

Na escola, essas experiências podem ser usadas para trabalhar diferentes conteúdo. Em uma atividade de representação corporal, por exemplo, a criança pode observar, nomear e desenhar partes do corpo, comparar representações e usar a linguagem para explicar o que fez. A proposta não deve ser usada para exigir uma execução única, mas para incentivar exploração e expressão.

A lateralidade está ligada à preferência e à forma como o corpo é usado em diferentes ações. Pode ser explorada em brincadeiras que envolvam alcançar objetos, fazer movimentos alternados, seguir trajetos e usar materiais diferentes. É importante respeitar as características de cada criança,

ISSN: 2358-8829

sem forçá-la a usar um lado ou considerar a lateralidade como um problema. O equilíbrio está relacionado à organização postural durante situações estáticas e dinâmicas.

Jogos com mudanças de direção, deslocamentos em trajetos seguros e movimentos que exigem ajustes corporais podem ajudar a explorar essa dimensão. O professor precisa considerar as condições do ambiente, as necessidades individuais e as adaptações para garantir segurança e participação.

A coordenação motora envolve a organização de movimentos para fazer determinadas ações. Atividades como encaixe, construção, desenho, recorte adaptado, manipulação de peças e jogos com bolas podem mobilizar diferentes formas de coordenação. Essas propostas podem ser usadas para atingir objetivos pedagógicos, desde que os materiais e as tarefas sejam adequados às possibilidades dos alunos.

A orientação espacial está ligada à compreensão das posições, direções e relações entre o corpo, os objetos e o ambiente. Jogos de percurso, caça ao tesouro, brincadeiras de localização e construção de mapas simples podem ajudar a explorar conceitos como dentro, fora, perto, longe, em cima, embaixo, direita e esquerda. A aprendizagem desses conceitos precisa ser acompanhada por situações variadas, recursos visuais e linguagem acessível.

A organização temporal envolve a compreensão de sequências, durações e ordem dos acontecimentos. Rotinas, histórias organizadas em etapas, jogos com sequências de movimentos e atividades rítmicas podem ajudar a criança a vivenciar relações temporais. Por exemplo, uma brincadeira pode exigir que os participantes lembrem a ordem de ações, antecipem o que vem depois e relatem o que aconteceu primeiro e depois.

O ritmo pode ser explorado por meio de músicas, palmas, instrumentos simples, movimentos corporais e sequências sonoras. Essas experiências podem ajudar a perceber regularidades, compartilhar atenção e expressar-se corporalmente. No entanto, não se deve acreditar que o ritmo, sozinho, melhora necessariamente a leitura, a escrita ou outras habilidades acadêmicas. A relação depende de vários fatores e precisa ser analisada com base nos objetivos e nas características de cada proposta.

Esses elementos psicomotores podem estar presentes ao mesmo tempo em uma mesma experiência. Em um circuito de brincadeiras, por exemplo, a criança pode precisar equilibrar-se, se orientar no espaço, coordenar movimentos, seguir uma sequência e cooperar com os colegas. Essa integração mostra a importância de propostas que ofereçam experiências variadas, em vez de apenas repetir exercícios isolados.

No ambiente escolar, o planejamento dessas atividades precisa considerar a idade, os objetivos, os materiais disponíveis, o espaço e as necessidades dos alunos. A observação do professor pode

ajudar a manter as propostas e a criar desafios progressivos, sem comparar as crianças ou ver diferenças como sinais de dificuldade.

3.4 Corpo, afetividade e interação social

A aprendizagem não acontece de forma isolada das relações afetivas e sociais. A criança participa das atividades escolares com base em experiências anteriores, sentimentos, expectativas, vínculos e condições reais de participação. Por isso, entender o corpo como mediador do conhecimento também exige reconhecer sua ligação com a afetividade e com a convivência.

As ideias de (Wallon, 2007) ajudam a pensar sobre a conexão entre movimento, emoções e desenvolvimento. Na infância, o corpo é parte da expressão de necessidades e sentimentos, e da construção das relações com outras pessoas. Gestos, movimentos e expressões são formas pelas quais a criança se comunica e se envolve no ambiente social.

No dia a dia da escola, jogos e brincadeiras podem oferecer oportunidades para a criança experimentar papéis, negociar regras, compartilhar materiais, lidar com frustrações e reconhecer as necessidades dos colegas. Essas situações podem ajudar na convivência, mas seus resultados não são automáticos: dependem da forma como a atividade é organizada, da mediação do professor e das condições oferecidas para que todos participem.

Uma brincadeira competitiva, por exemplo, pode gerar entusiasmo, mas também pode favorecer situações de exclusão quando a atividade valoriza exclusivamente a velocidade, a força ou a vitória. Por isso, é importante refletir sobre as regras, as formas de organização dos grupos e os critérios utilizados para reconhecer a participação. Propostas cooperativas, nas quais os estudantes precisam compartilhar estratégias e construir uma solução coletiva, podem ampliar as possibilidades de colaboração.

O professor desempenha papel importante na mediação dessas experiências. Ao observar conflitos, pode ajudar os estudantes a nomearem o que aconteceu, escutar diferentes pontos de vista e buscar alternativas de resolução. Ao perceber que uma criança permanece afastada da atividade, pode investigar as razões, oferecer diferentes formas de participação e evitar interpretar imediatamente o comportamento como falta de interesse.

A dimensão afetiva também se relaciona à segurança para experimentar e errar. Quando a criança percebe que suas tentativas são acolhidas e que as dificuldades podem ser enfrentadas com apoio, encontra condições mais favoráveis para participar. Isso não significa eliminar todos os desafios, mas organizar situações em que os estudantes possam experimentar, receber orientações e desenvolver novas estratégias.

As atividades corporais, portanto, podem funcionar como contextos de interação e aprendizagem social. Seu potencial educativo depende de uma mediação que valorize o respeito às diferenças, a escuta, a cooperação e a participação. O corpo, nessa perspectiva, não é apenas instrumento para executar movimentos, mas parte das experiências por meio das quais os sujeitos se relacionam, expressam-se e constroem significados.

3.5 Possibilidades pedagógicas da psicomotricidade na educação

A inserção da psicomotricidade no planejamento pedagógico pode ocorrer por meio de experiências lúdicas que articulem movimento, linguagem, raciocínio e interação. Para isso, é necessário que as atividades estejam vinculadas a objetivos educativos e sejam organizadas considerando o contexto escolar, a faixa etária dos estudantes e as possibilidades de participação.

Uma primeira possibilidade consiste na realização de circuitos motores e percursos orientados. Essas propostas podem incluir diferentes estações, como contornar objetos, seguir caminhos marcados no chão, transportar materiais ou localizar figuras distribuídas pelo espaço. Além de mobilizar movimentos, o circuito pode envolver a compreensão de instruções, a organização de sequências e a utilização de conceitos espaciais. O professor pode solicitar que os estudantes descrevam o percurso, identifiquem mudanças na direção ou criem possibilidades de trajeto.

Outra possibilidade envolve jogos de ritmo e expressão corporal. A utilização de palmas, músicas, instrumentos simples e sequências de gestos pode criar situações em que as crianças observem, imitem, inventem e compartilhem movimentos. Essas atividades podem ser articuladas à linguagem oral, à criação de narrativas e à exploração de sons. É importante oferecer alternativas para estudantes que não possam ou não desejem realizar determinados movimentos, permitindo que participem por meio de gestos adaptados, instrumentos, indicações visuais ou outras formas de expressão.

As brincadeiras de construção e manipulação de objetos também apresentam possibilidades educativas. Ao utilizar blocos, peças de encaixe, materiais recicláveis ou objetos de diferentes tamanhos, os estudantes podem experimentar relações de equilíbrio, comparar formas, construir estruturas e discutir estratégias. Quando a proposta envolve a construção coletiva de uma estrutura, é possível trabalhar a comunicação, a divisão de tarefas e a resolução compartilhada de problemas.

A psicomotricidade também pode ser articulada ao ensino da matemática. Brincadeiras que envolvem contagem de passos, classificação de objetos, organização de sequências, comparação de distâncias e identificação de formas geométricas podem aproximar conceitos matemáticos das experiências cotidianas. Em uma atividade de percurso, por exemplo, os estudantes podem contar

quantas etapas foram realizadas, comparar trajetos e representar graficamente o caminho percorrido.

No ensino da língua portuguesa, propostas corporais podem ser associadas à narração de histórias, à dramatização, à organização de sequências narrativas e à criação de gestos que representem personagens ou acontecimentos. Após a vivência, o professor pode convidar os estudantes a relatar o que aconteceu, produzir desenhos, organizar imagens ou escrever pequenas narrativas, conforme as possibilidades e os objetivos de aprendizagem.

As atividades artísticas também permitem explorar relações entre corpo, movimento e expressão. Danças, dramatizações, desenhos realizados em diferentes posições e experiências com materiais variados podem ampliar as formas de comunicação e criação. Essas propostas devem valorizar os processos de experimentação e expressão, evitando estabelecer um padrão único de resultado estético ou motor.

É igualmente importante considerar as atividades realizadas em espaços abertos, pátios e ambientes naturais, quando disponíveis e seguros. Brincadeiras que envolvem observar o ambiente, percorrer trajetos, recolher elementos naturais permitidos e criar representações podem aproximar o movimento de experiências relacionadas à ciência, à natureza e à convivência.

Em todas essas situações, a intencionalidade pedagógica é fundamental. Não basta incluir uma brincadeira no planejamento e pressupor que ela produzirá determinada aprendizagem. O professor precisa definir o que pretende explorar, observar a participação dos estudantes, oferecer orientações compreensíveis e criar oportunidades para que eles reflitam sobre o que fizeram.

A avaliação pode considerar o envolvimento, as estratégias utilizadas, as formas de comunicação, as tentativas realizadas e as mudanças percebidas ao longo das experiências. Em vez de classificar os estudantes exclusivamente pelo desempenho, é importante registrar quais apoios favoreceram a participação e quais adaptações podem tornar as propostas mais acessíveis.

Assim, a psicomotricidade pode contribuir para a diversificação das práticas pedagógicas, desde que esteja integrada ao currículo e seja utilizada com objetivos claros. O movimento passa a ser reconhecido como uma dimensão das experiências educativas, articulada à construção do conhecimento e à participação dos estudantes.

3.6 Psicomotricidade, inclusão e respeito às diferenças

A discussão sobre o corpo como mediador do conhecimento também exige considerar a diversidade presente nas salas de aula. Os estudantes apresentam diferentes formas de comunicação, mobilidade, percepção, atenção, interação e realização de tarefas. Uma proposta

pedagógica que considere apenas uma maneira de executar movimentos pode limitar a participação de parte da turma e reforçar barreiras já existentes no ambiente escolar.

Nesse sentido, a inclusão não consiste apenas em permitir que o estudante esteja fisicamente presente na atividade. É necessário criar condições para que ele compreenda a proposta, tenha acesso aos materiais, participe das decisões e encontre formas significativas de envolvimento. A adaptação das experiências corporais deve ser planejada a partir das necessidades e das possibilidades de cada estudante, sem pressupor que todos precisam realizar os mesmos movimentos.

Em uma atividade de percurso, por exemplo, podem ser disponibilizadas diferentes formas de deslocamento, referências visuais, instruções organizadas em etapas e apoio individual quando necessário. Um estudante com mobilidade reduzida pode participar da proposta por meio de movimentos adaptados, escolhas de trajetos, manipulação de objetos ou orientação de colegas, conforme suas preferências e necessidades. O importante é que a adaptação preserve o objetivo pedagógico e não transforme a participação em uma tarefa meramente simbólica.

A acessibilidade também envolve a organização do espaço, a disposição dos materiais, a clareza das regras e o tempo destinado à realização das atividades. Instruções exclusivamente orais podem ser complementadas por imagens, demonstrações ou sequências visuais. Da mesma forma, atividades que dependem de sons podem incluir recursos visuais e táteis, quando adequados aos objetivos e aos participantes.

O respeito às diferenças implica reconhecer que os estudantes não precisam apresentar o mesmo ritmo ou desempenho para participar de uma experiência de aprendizagem. A comparação constante pode produzir constrangimento e afastamento, especialmente quando a atividade evidencia habilidades nas quais algumas crianças encontram maiores dificuldades. A mediação pedagógica deve valorizar as estratégias utilizadas e oferecer desafios possíveis, sem desconsiderar as necessidades de apoio.

É importante, ainda, evitar que a psicomotricidade seja utilizada como explicação única para as dificuldades escolares. Problemas de aprendizagem podem estar relacionados a diferentes fatores, incluindo as condições de ensino, as experiências escolares anteriores, as oportunidades de acesso aos conhecimentos, as barreiras comunicacionais e as condições sociais e culturais. A observação do movimento pode oferecer informações relevantes, mas não substitui uma avaliação ampla e contextualizada.

Na perspectiva da psicopedagogia, a compreensão das dificuldades exige considerar o sujeito em relação com os conhecimentos, com as pessoas e com o ambiente em que aprende. As experiências corporais podem integrar processos de observação e intervenção, desde que as

propostas estejam adequadas aos objetivos do acompanhamento e não sejam apresentadas como soluções universais.

Portanto, uma abordagem inclusiva da psicomotricidade reconhece a diversidade corporal e busca ampliar as possibilidades de participação. O objetivo não é normalizar os movimentos ou impor padrões homogêneos de desenvolvimento, mas organizar experiências educativas acessíveis, significativas e respeitosas.

3.7 O papel do professor e os desafios para a efetivação da psicomotricidade

A incorporação da psicomotricidade às práticas educativas depende, em grande medida, da compreensão que os profissionais possuem sobre o desenvolvimento infantil e sobre as relações entre corpo e aprendizagem. A formação docente precisa possibilitar a reflexão sobre diferentes formas de ensinar, a organização de ambientes educativos e a utilização intencional de experiências corporais.

Um dos desafios consiste em superar a separação rígida entre momentos de movimento e momentos de aprendizagem. Em algumas práticas escolares, as atividades corporais são reservadas exclusivamente ao recreio ou às aulas de Educação Física, enquanto as demais áreas do conhecimento são associadas à permanência em carteiras e à realização de exercícios escritos. Embora cada componente curricular possua objetivos específicos, o movimento pode integrar diferentes situações pedagógicas, respeitando as particularidades de cada área.

Outro desafio está relacionado às condições materiais e estruturais das instituições. Nem todas as escolas dispõem de espaços amplos, equipamentos específicos ou materiais em quantidade suficiente. Entretanto, muitas propostas podem ser organizadas com recursos simples, como folhas, caixas, fitas, bolas, cartões, objetos reutilizáveis e materiais disponíveis no próprio ambiente. A escolha dos recursos deve considerar a segurança, a acessibilidade e os objetivos educativos.

A falta de tempo para planejamento e a organização de turmas numerosas também podem dificultar a realização de atividades diversificadas. Nessas circunstâncias, é importante que as propostas sejam viáveis e compatíveis com as condições da escola. O professor pode organizar pequenos grupos, estabelecer regras compreensíveis, alternar estações de atividade e planejar formas de acompanhamento que permitam observar a participação dos estudantes.

A avaliação constitui outro aspecto relevante. Quando o desempenho é avaliado apenas pela execução correta de uma tarefa ou pela comparação entre estudantes, corre-se o risco de desconsiderar os processos envolvidos na aprendizagem. Uma avaliação formativa pode observar as estratégias utilizadas, as dificuldades encontradas, as adaptações necessárias e as mudanças

que ocorrem durante as experiências. Isso não significa abandonar os objetivos curriculares, mas ampliar as informações consideradas no acompanhamento pedagógico.

A atuação docente também exige atenção às interpretações que surgem a partir do comportamento corporal. Crianças que se movem muito, evitam certas atividades ou têm dificuldade para seguir uma sequência podem estar respondendo a diferentes situações. É importante entender o contexto, conversar com o estudante sempre que possível e observar a situação em diversos momentos antes de fazer suposições.

A colaboração entre professores, equipe pedagógica, profissionais de apoio e famílias pode ajudar a compreender melhor as necessidades dos alunos. Quando necessário, o diálogo com especialistas também pode ser útil para criar estratégias apropriadas, respeitando os limites de cada área. Porém, a escola não deve deixar toda a responsabilidade de garantir oportunidades de aprendizagem para outros profissionais.

A formação contínua pode ajudar os professores a ampliarem seu repertório, debater fundamentos teóricos e planejar atividades adequadas para diferentes idades. Mais do que oferecer listas de atividades prontas, essa formação precisa permitir que os professores entendam por que uma proposta pode ser usada, quais objetivos ela pode atingir e como adaptá-la de acordo com a turma.

Assim, a psicomotricidade na educação depende de conhecimentos teóricos, planejamento, observação, condições de trabalho e compromisso com a participação dos estudantes. O professor atua como mediador, organizando situações que favoreçam a exploração, a comunicação e a construção de conhecimentos.

3.8 Síntese reflexiva: contribuições e limites da psicomotricidade na educação

A discussão feita permite entender que a psicomotricidade traz contribuições significativas para ampliar o olhar sobre os processos de aprendizagem. Ao considerar a relação entre movimento, cognição, afeto e interação social, essa perspectiva questiona visões que reduzem a aprendizagem à memorização ou à execução de tarefas escritas.

As experiências corporais podem oferecer oportunidades para que os alunos explorem o ambiente, testem estratégias, compreendam instruções, construam relações espaciais e temporais e participem de situações coletivas. Quando integradas ao currículo, essas experiências ajudam na construção de conhecimentos em várias áreas, desde que sejam planejadas com intencionalidade e acompanhadas por mediação pedagógica.

No entanto, a psicomotricidade não deve ser vista como uma solução para todos os problemas escolares. A aprendizagem é complexa e influenciada por fatores individuais, sociais, culturais,

afetivos e pedagógicos. Não é razoável dizer que uma atividade específica vai necessariamente melhorar leitura, escrita, matemática ou comportamento.

Outro ponto importante é o respeito às diferenças. As experiências corporais devem considerar as possibilidades de cada aluno, oferecendo adaptações e formas variadas de participação. A finalidade não é padronizar movimentos, mas criar oportunidades para que todos aprendam e se expressem de forma significativa.

A perspectiva de (Le Boulch,1987) ajuda a valorizar o movimento nas experiências educativas, enquanto as contribuições de Wallon permitem entender suas relações com o afeto e o desenvolvimento. (Vygotsky, 2007) ajuda a refletir sobre o papel das interações e da mediação na construção do conhecimento. Quando integradas ao contexto escolar, essas ideias reforçam a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a criança como sujeito ativo e participante de seu aprendizado.

Dessa forma, o corpo como mediador do conhecimento não opõe movimento ao pensamento, mas reconhece que as experiências humanas envolvem diferentes dimensões que se relacionam. A psicomotricidade pode ajudar a escola a diversificar suas práticas, ampliar formas de participação e desenvolver planejamentos que considerem a totalidade dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo discutir o corpo como mediador do conhecimento e analisar as contribuições da psicomotricidade para o ensino e a aprendizagem. A discussão permitiu refletir sobre a importância de reconhecer o movimento como parte das experiências pelas quais a criança explora o ambiente, interage com outras pessoas e constrói conhecimentos.

Entende-se que o corpo não deve ser visto apenas como uma dimensão física separada dos processos cognitivos e afetivos. As experiências corporais fazem parte da maneira como o sujeito percebe o ambiente, organiza suas ações, expressa sentimentos e estabelece relações. Na infância, essas experiências podem oferecer oportunidades significativas de exploração, comunicação e aprendizagem.

A psicomotricidade ajuda a ampliar a compreensão do desenvolvimento humano ao considerar as relações entre movimento, pensamento, afeto e interação. Elementos como esquema corporal, lateralidade, equilíbrio, coordenação motora, orientação espacial, organização temporal e ritmo podem integrar experiências educativas que envolvam jogos, brincadeiras, circuitos, atividades artísticas e propostas interdisciplinares.

No entanto, é importante destacar que o trabalho psicomotor não deve ser reduzido à repetição de exercícios ou à busca de padrões homogêneos. As atividades precisam ser organizadas de acordo com objetivos pedagógicos, respeitando as características dos estudantes e oferecendo condições para diferentes formas de participação. O movimento deve ser visto como uma forma de experiência e aprendizagem, não como critério isolado para avaliar uma criança.

A discussão também mostrou a importância da afetividade e das interações sociais. As brincadeiras e atividades corporais podem criar situações de cooperação, comunicação e resolução de problemas, desde que sejam acompanhadas por uma mediação pedagógica que valorize o respeito, a escuta e a participação. A forma como as propostas são organizadas influencia as possibilidades de envolvimento dos alunos e a qualidade das relações durante as experiências.

No campo da inclusão, a psicomotricidade pode contribuir para diversificar as práticas educativas e reconhecer diferentes formas de participação. Isso exige atenção às barreiras existentes, adaptação de materiais, clareza nas instruções e respeito aos ritmos individuais. Uma educação inclusiva não busca que todos façam as mesmas coisas da mesma forma, mas criar condições para que cada aluno participe e aprenda.

Também se destaca a responsabilidade do professor na organização dessas experiências. Usar a psicomotricidade exige planejamento, fundamentação teórica, observação e avaliação contínua. É necessário entender que as dificuldades escolares não podem ser explicadas apenas por aspectos motores, pois envolvem várias dimensões e precisam ser analisadas de forma contextualizada.

Como limite deste estudo, destaca-se que ele é baseado em reflexões e bibliografia, sem produção de dados empíricos. Pesquisas futuras podem investigar como os professores planejam atividades psicomotoras, quais desafios enfrentam e como os estudantes participam dessas experiências em diferentes etapas da educação básica. Estudos de campo, com métodos adequados, podem aprofundar a compreensão das possibilidades e limites dessas práticas em contextos reais.

Conclui-se que reconhecer o corpo como mediador do conhecimento significa valorizar a totalidade do sujeito e ampliar as formas de ensinar e aprender. A psicomotricidade pode contribuir para uma educação mais dinâmica, reflexiva e inclusiva quando integrada ao planejamento pedagógico, articulada aos objetivos curriculares e orientada pelo respeito às diferenças. Assim, o corpo deixa de ser um elemento secundário e passa a ser reconhecido como uma dimensão importante da participação, da expressão e da construção do conhecimento.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 28 out. 2026.

LE BOULCH, Jean. Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.